

# Diálogo com educadores



# Diálogo com educadores

## – Dr. Elli Benincá<sup>1</sup>

Este volume da revista *Espaço Pedagógico*, que tem como tema “Educação e pós-graduação”, consolida a sessão “Diálogo com educadores” como um espaço importante de reconstrução de trajetórias pessoais e intelectuais de educadores. No presente número temos a grata satisfação de contar com a participação do professor Doutor Elli Benincá. Por meio de um diálogo que vem sendo estabelecido há anos, reunimos elementos que permitem reconstruir a trajetória pessoal e intelectual desse personagem, que deixou suas marcas como educador e pensador, especialmente na Faculdade de Educação e no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo. Não há como negar a influência que ele exerceu sobre inúmeros profissionais da educação de Passo Fundo e região ao longo de mais de quatro décadas. Praticamente iniciou seu trabalho junto à Faculdade de Educação desde sua criação e nos ajuda, através da reconstrução dessa trajetória, a compreender avanços conquistados, bem como os conflitos e resistências enfrentados. O ano de 2012 marca três fatos importantes na trajetória da Faculdade de Educação: 55 anos de sua criação, 15 anos de instalação do mestrado e o início do

curso de doutorado. Nesse contexto, nada mais justo do que homenagear o professor Elli Benincá pela sua contribuição pessoal e intelectual na construção dos cursos de graduação, no apoio à pesquisa, na qualificação de mestres e doutores, na criação de cursos de pós-graduação *lato sensu* e na implantação da pós-graduação *stricto sensu*, na qual atuou durante alguns anos como pesquisador, docente e orientador. Que essa experiência, assim como as demais já publicadas em números anteriores na sessão “Diálogo com educadores”, possa contribuir para o aprofundamento dos compromissos com uma educação de qualidade e instigue a investigação de temas, questões e desafios emergentes na região.

O presente texto foi construído em dois momentos: parte na década de 1990, que resultou na publicação de uma entrevista com questões próprias daquele con-

<sup>1</sup> A coleta e sistematização das informações presentes nesta edição da seção Diálogos com Educadores foi realizada pelos professores doutores Telmo Marcon e Eldon Henrique Mühl, integrantes do Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado e Doutorado, da Universidade de Passo Fundo - RS.

texto e do período precedente, que consta no trabalho publicado em 1998<sup>2</sup> e de uma conversa realizada em 2012 para complementar com questões que anteriormente não haviam sido formuladas.

*Espaço Pedagógico:* Estimado professor Elli Benincá, gostaríamos de iniciar este diálogo conhecendo um pouco melhor suas raízes: onde nasceu? Como foi sua infância? Qual era o contexto socio-cultural, político e religioso?

*Elli Benincá:* Nasci em Severiano de Almeida, município de características rurais, situado ao Norte do estado do Rio Grande do Sul. Desmembrado de Erechim, Severiano de Almeida continua mantendo uma profunda dependência do município de origem, tanto em termos econômicos, religiosos, políticos e educacionais. Nessas observações reporto-me ao período em que realizei os estudos primários na escola Cristo Rei, das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria Auxiliadora. Além da escola das irmãs, havia um “grupo escolar” também situado na sede do então distrito de Severiano de Almeida.

Os descendentes de famílias italianas, quase todos, estudavam na escola católica. As crianças de origem “cabocla” (chamadas de brasileiros) estudavam na escola pública (grupo escolar) da qual nutríamos sentimentos de desprezo. Éramos diferentes das crianças do grupo escolar porque aquelas não frequentavam a Igreja e os cultos oficiais e também pouco se faziam presentes nos atos cívicos, como nas comemorações da Semana da Pátria, e outras festas comunitárias. A desigual-

dade, porém era institucionalizada pelo regime de propriedade. Os “caboclos” podiam até ter a posse da terra, mas não tinham escritura, documento legitimador da propriedade. O sentimento de desprezo que surgia entre nós contra as crianças do grupo escolar, era aceito como um fato natural. Eles não eram iguais a nós, filhos de proprietários. Eram pobres. Seus pais trabalhavam como “diaristas” nas propriedades de nossos pais. Eram inferiores aos nossos pais. Eles eram brasileiros e nós éramos italianos ou alemães. Consideravam-se pobres e aceitavam resignadamente tal condição social. E nós, como crianças e alunos da escola católica, incorporávamos em nossa visão de mundo a desigualdade como um fenômeno cultural. Foi o conhecimento que construímos.

A Escola Católica Cristo Rei não foi apenas um espaço pedagógico de aprendizagem. Simbolicamente sintetizava a cultura dos descendentes de imigrantes. A escola não era de “brasileiros”. Era a escola das irmãs. Tudo o que se construía pedagogicamente em sala de aula e tudo quanto à escola representava em termos de fé, trabalho, propriedade e educação, para nós era natural; era a verdade. Nossos pais assim pensavam e na escola, como na igreja também, pensava-se da mesma forma.

A escola reconstruía a cultura dos descendentes de imigrantes. Legitimava a cultura dos nossos pais e por isso envolvia a nós, crianças, a total segurança, porque tudo quanto se pensava em casa estava de acordo com a escola e com a igreja. Era, portanto, a verdade.

*Espaço Pedagógico:* Quais os principais impactos socioculturais sofridos com sua saída de Severiano de Almeida para ingressar no seminário em Erechim?

*Elli Benincá:* Em 1953 ingressei no Seminário Nossa Senhora de Fátima, em Erechim. Fui da primeira turma. O seminário, porém, não representou novidade. Foi uma extensão e continuidade da escola Cristo Rei e da família. Em 1958 fui convocado para trabalhar no mesmo seminário como professor. Não encontrei dificuldades, mesmo que não tivesse feito qualquer curso de didática. Bastava repetir e reproduzir a cultura, construída na escola, na família e no seminário.

Ao chegar a Viamão, em 1959, me deparei com outro contexto. Os alunos que cursavam Filosofia e Teologia na Faculdade de Filosofia e no curso de Teologia de Viamão, em sua maioria, eram portadores das mesmas experiências que as minhas. Apesar de a maioria dos colegas serem filhos de pequenos agricultores não conviviam mais com a “paz” e a passividade. Respirava-se a contestação, o confronto e a rebeldia. Já não eram aceitas as informações como acontecia no seminário de Erechim e na escola primária. Começava abrir-se uma ruptura com o passado e com sua cultura. O que se havia aprendido no seminário, na família e na comunidade religiosa não significava mais que correspondesse com a verdade. Vários fatores intervinham para gerar tal conflito. Em primeiro lugar estavam as influências do mundo urbano. O nosso modo católico de pensar com características rurais não se adequava com a vida urbana. Um dos pontos de conflito residia

no jeito de vestir; o uso da batina. Uma segunda fonte de influências foi a convocação, pelo papa João XXIII, do Concílio Vaticano II. As razões que o papa trazia à tona para justificar a convocação, de certa forma, correspondiam às nossas ansiedades: “Romper com o passado e com sua história”; era um sentimento de guerra que tomou conta da juventude. Aliava-se a essas motivações, o estudo de autores teologicamente revolucionários, dentre os quais merece destaque especial o padre jesuíta Teilhard de Chardin, com sua obra evolucionista *O fenômeno humano*. O pensamento de Chardin abria espaços para superar a concepção criacionista fixista, própria do pensamento teológico tradicional. Sua contribuição maior se ligou ao domínio da ciência em assuntos teológicos, principalmente no que tange à criação do homem e do mundo. Influenciados por esse modelo de reflexão, abria-se um confronto com a teologia e a filosofia ensinadas no seminário, pois estas conservavam suas raízes tradicionais, baseadas no critério de autoridade. Por outro lado, os estudantes universitários da PUC e da UFRGS começavam a transpor o projeto teórico de Chardin para um projeto mais radical do materialismo dialético de origem marxista, sob a bandeira da Revolução Cubana e do novo projeto social socialista. O materialismo dialético rompia com a visão cristã de história e de mundo e fazia emergir radicalizações onde o diálogo se caracterizava por agressões e acusações.

*Espaço Pedagógico:* Que outras influências teóricas e políticas marcaram sua formação?

*Elli Benincá:* Para entender o processo histórico das décadas de 1950 e 1960 é preciso recordar o trabalho da Ação Católica Brasileira, principalmente nas suas especificidades Juventude Operária Católica (JOC), Juventude Estudantil Católica (JEC) e Juventude Universitária Católica (JUC). A Ação Católica foi fundada na Europa - (Bélgica) por Cardijn, padre católico, que utilizando o método dialético transfundiu-o para a ação evangelizadora nos meios católicos. Com roupagem diferente, o método da ação católica (ver-julgar-agir) se constituía numa verdadeira práxis social. Tratava-se de um modo revolucionário de evangelizar. Tinha como referência a prática social e política dos militantes. O mérito da Ação Católica consistia na formação de lideranças jovens (militantes) instrumentalizadas com o novo método da práxis social.

A visão de mundo decorrente das pesquisas de Theilhad de Chardin encontra-se com a prática social e política decorrente do método ver-julgar-agir. A diferença, porém, entre a concepção teológica tradicional e a nova prática evangelizadora se localizava no processo de formação dos agentes de evangelização. A Ação Católica trabalhava com a formação na e a partir da prática social. O método é indutivo e reflexivo. O modelo tradicional, ao contrário, continuava com o princípio da autoridade e o método dedutivo.

Para aquele momento histórico, a superação do confronto metodológico era muito difícil. Embora a prática conflitual fosse metodológica, a fonte geradora do conflito era a visão de mundo, quer seja na concepção teológica tradicional, quer

seja na inspirada pela ciência moderna. O confronto passava pelas salas de aula, pelos debates, mas encontrava seu terreno mais fértil na prática pastoral, principalmente onde atuava o movimento da Ação Católica.

Muitos militantes da Ação Católica envolvidos na luta política no contexto das “reformas de base” (agrária, universitária, fiscal...) começaram a optar pelo marxismo como utopia viável, já que as instituições (Igreja, universidade, escola) não conseguiam incorporar todo o ímpeto revolucionário que havia se desencadeado. É bom recordar que dentro do marxismo havia inúmeras correntes, entre as quais a denominada de marxismo ortodoxo, que confluía para um determinismo social. A superação do capitalismo pelo socialismo seria um processo natural. O materialismo histórico, por sua vez, defendido por Gramsci, dentre outros, ainda não era de domínio entre os militantes. Só mais tarde, na década de 1970, é que o pensamento Gramsciano passa a influenciar os movimentos sociais e religiosos. Nesse contexto, a pedagogia de Paulo Freire foi que melhor traduziu a compreensão de práxis para o campo da “pedagogia dos oprimidos” e dos movimentos sociais.

Nesse ambiente de revolução social e eclesial, os métodos de ensino em sala de aula continuavam tradicionais; os manuais das aulas eram, em sua maioria, em latim e as aulas, expositivas. Por outro lado, professores novos, recém-formados nas universidades da Europa, onde já predominava a teologia da secularização, atraíam a atenção dos alunos e formavam grupos (discípulos) que normalmente se

conflitavam com os demais professores. Duas experiências foram extremamente significativas para a minha turma. A presença do professor Ernani Maria Fiori, da UFRGS, que era o nosso professor de Introdução à Filosofia e se constituiu para nós em referência de intelectual, de mestre cristão e cidadão. Após a manhã de aula (sábado), num grupo de alunos, saíamos à tarde e passávamos horas debatendo temas de filosofia e teologia com o professor. A experiência possibilitou o surgimento de um grupo de estudos, com o qual me envolvi ao longo dos sete anos da estada em Viamão (durante os cursos de Filosofia e Teologia). A experiência acadêmica formal de sala de aula foi importante pela visão sistemática dos conhecimentos que forneceu, mas a experiência intelectual que orientou minha prática pedagógica foi construída no grupo de estudos.

*Espaço Pedagógico:* Como se deu o ingresso na Universidade de Passo Fundo e como ocorreu sua formação específica?

*Elli Benincá:* Em dezembro de 1965 participei pela primeira vez de uma Assembleia Diocesana de Pastoral, coordenada pelo então bispo da Diocese de Passo Fundo, de saudosa memória, Dom Cláudio Kolling. Um dos capítulos da assembleia tratava da designação dos padres novos para as funções requeridas pelas necessidades pastorais. A designação que recebi foi a de ser coadjutor do padre Alcides Guareschi na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, mantida pelo Consórcio Universitário Católico. Levei um grande susto. Tentei ainda reverter

tal designação, já que a minha formação pastoral me encaminhava para o trabalho com o meio popular. Nos últimos anos do seminário de Viamão havia me dedicado ao trabalho pastoral nas vilas periféricas de Porto Alegre, Passo das Pedras e Passo do Feijó, hoje município de Alvorada. Havia iniciado um trabalho popular denominado de círculos bíblicos. Grupos de trabalhadores e de jovens se reuniam para, à luz da Bíblia, refletir as questões vitais de suas caminhadas e dos seus trabalhos. A convivência com o padre Hugo Cardoso, de Passo das Pedras, mostrou-me o sentido da inserção, ou como modernamente é designado, de inculturação. Esse padre não só vivia a pobreza da vila periférica, mas também a fome. As experiências com grupos de estudos no meio popular foram de extrema utilidade para o início da vida universitária.

Assumi o trabalho na universidade junto à Faculdade de Filosofia, na disciplina de Introdução à Filosofia. Aos poucos consegui fazer a reopção pela universidade e pelo estudo. Dediquei os dois anos seguintes ao estudo. Foi um verdadeiro mestrado. Dois elementos, dessa experiência, merecem destaque: 1) todos nós temos uma vocação geral para o trabalho. O específico, ou seja, o profissional, é preciso construí-lo. Para tanto, é necessário optar pelo profissional. A opção é uma decisão interior que, quando feita, gera uma profunda liberdade no trabalho que se realiza. 2) O professor também se constrói. O padre Alcides Guareschi agiu pedagogicamente, no meu caso, deixando-me o tempo necessário para o estudo. Hoje entendo que não há investimento melhor e mais duradou-

ro do que aquele feito no ser humano. A universidade pode oferecer qualidade de ensino aos seus alunos, a aprendizagem, porém, depende da qualidade intelectual e pedagógica do professor.

*Espaço Pedagógico:* Como concebe a docência e o que considera significativo na experiência pedagógica da sala de aula?

*Elli Benincá:* O trabalho docente a que se refere é o trabalho acadêmico. A atividade que a academia exige é a orientação metodológica. Já na época em que estudava na escola em Severiano de Almeida, defrontei-me com algumas questões que me perseguiram ao longo de minha experiência intelectual. Naqueles anos, tinha bom domínio da matemática, o que me permitia alguns privilégios em sala de aula. Quando, porém, ingressei no seminário em Erechim encontrei um professor de matemática, física e química, disciplinas das ciências exatas, que não conseguia estabelecer uma boa relação com os alunos. Visivelmente comecei a regredir nessas disciplinas e hoje, também por outras razões, estou refazendo essa aprendizagem de forma lúdica.

Quando comecei a refletir sobre esse conflito, entendi a importância da comunicação do professor com o aluno. A minha crise ocorreu exatamente porque eu não conseguia manter o diálogo com o professor. Ele fazia um discurso teoricamente competente, mas tinha dificuldade de chegar até o aluno. Essa lacuna na aprendizagem, de certa forma, me acompanha até hoje.

Eu poderia dizer que a sala de aula é o espaço da comunicação entre aluno e professor. No texto sobre a aula denominado: "A prática pedagógica na sala de aula", publicado inicialmente nos *Cardernos* da UPF, ano I, n. 4, agosto de 1982, expressa esse compromisso. "Partindo do pressuposto de que a sala de aula deve ser um palco de debates e não apenas um lugar de narração, a elaboração de um programa de ensino deve ter por objetivo a proposta de criar condições para envolver professor e aluno nos debates, e a consequente formação do raciocínio, espírito participativo e crítico e o hábito de reflexão. A estratégia que deve estar presente no desenvolvimento de um programa assim é o diálogo."

*Espaço Pedagógico:* Como foi sua experiência no mestrado? Quais as principais rupturas e que desafios foram enfrentados?

*Elli Benincá:* Farei apenas um destaque do período em que realizei o mestrado. Minha formação básica deu-se a partir da concepção tradicional da escolástica. Era a concepção de mundo que ainda orientava minha consciência prática. Quando decidi sair de Passo Fundo para realizar o mestrado em São Paulo, tive que argumentar contra minha pretensa sabedoria. Ao final prevaleceu a decisão de fazer o mestrado. Entre as muitas pessoas que me possibilitaram a convivência com o programa de estudos, reporto-me ao professor José J. Queiroz, orientador da dissertação.

No primeiro semestre do referido curso havia uma disciplina que fazia uma



leitura histórica dos movimentos sociais na América Latina. A raiz teórica de análise era gramsciana. O professor, em determinado momento, fez uma referência à ideologia além de Marx e Engels, na tentativa de conceituar o materialismo histórico. Como pessoalmente havia conhecido a obra de Marx através de autores que faziam uma leitura ortodoxa do marxismo, tentei contestar a interpretação dada pelo professor, ao que me respondeu: "Vai primeiro estudar a obra de Marx." Não consegui entender sua resposta e demorei muito tempo até conseguir responder para mim mesmo por que razão devia estudar a obra de Marx. Certamente foi a melhor aula do mestrado. Posso, hoje, pouco entender de marxismo, mas, ao menos, desconfio da minha sabedoria.

*Espaço Pedagógico:* Em suas investigações a relação teoria-prática, ciência-senso comum, bem como o compromisso com os grupos subalternos são características fundamentais. Como essas questões chegaram a se constituir em objeto de pesquisa?

*Elli Benincá:* A dissertação de mestrado me possibilitou adentrar numa temática que continua me desafiando. Trata-se de uma pedagogia capaz de operar as consciências submissas em consciências revolucionárias. Refiro-me à tarefa acadêmica. Os nossos cursos de graduação e de pós-graduação insistem em informar os alunos sobre pedagogias elaboradas em outros contextos sociais e históricos e não conseguem perceber e refletir as pedagogias que atuam e educam as nossas populações. Como o estudo acadêmico se

dissociou da pesquisa, o ensino em nossas universidades contenta-se com seu caráter informativo. Ensinam-se pedagogias, mas não há preocupação com a iniciação à pesquisa pedagógica. O ensino informativo não conduz à observação sistemática dos fatos pedagógicos e, por isso, as pedagogias reais, existentes em nosso meio, não são objeto de nossa investigação. Há um distanciamento entre a prática pedagógica real e o ensino pedagógico acadêmico nas universidades.

O desafio, que constantemente provoca minha curiosidade, reside na possibilidade de compreender academicamente a estrutura da pedagogia da resignação, tão eficaz na produção de consciências passivas e submissas politicamente. Os frutos dessa pedagogia são encontrados na universidade, na escola, na organização política e social. As pessoas portadoras de uma consciência apassivada, nessa situação, não têm condições de operar qualquer transformação social, nem de assumir-se como sujeitos e cidadãos autônomos e livres. Esse desafio, porém, conduz-me a uma segunda provocação.

O movimento dos sem-terra, organizado em todo o país e objeto de observação de analistas sociais de todo o mundo, nasceu em nossa região. Foi gestado por ocasião dos conflitos sociais das granjas Macali (1978) e Brilhante (1979) e seu berço reside no acampamento da Encruzilhada Natalino (1980-1983). Os acampados foram portadores de consciências passivas e resignadas. A pedagogia, porém, que fez surgir o Movimento dos Sem-Terra e orientou as ações políticas, mais tarde, na Fazenda Anoni (iniciado em 1985) e outros acampamentos, revelou-

-se de extrema eficácia, transformando as consciências passivas em consciências revolucionárias, bastando, para isso, ver as ações e reações políticas por todo o país. Como, academicamente, sistematizar essa pedagogia? E, por que tal pedagogia não merece a atenção dos pedagogos? Independentemente das ações do MST, de sua postura político-revolucionária e da ação ideológica da organização política brasileira, trata-se de uma ação pedagógica. É uma pedagogia gestada fora dos círculos acadêmicos, mas nem por isso deveria deixar de merecer o interesse acadêmico.

*Espaço Pedagógico:* Em que contexto ocorreu seu ingresso no doutorado e qual a temática central da tese?

*Elli Benincá:* Quando decidi fazer o doutorado fui apoiado imediatamente pelo professor Doutor Balduino Andreola. Ele me deu todo apoio para ingressar no doutorado, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, uma condição diferenciada dos demais doutorandos: defesa direta de tese. Pelo fato de ingressar nessa condição, houve problemas em relação a alguns procedimentos burocráticos e também muitas resistências. Uma parcela de professores do programa resistiu às condições que me foram dadas e, por isso, não encontrei apoio nesses professores. Não tivesse a mão forte do professor Andreola, não teria feito o curso. Eu ingressei sem algumas condições básicas primárias. Como não fiz disciplinas tive dificuldades porque fui diretamente para a tese. Além disso, havia o conflito entre os que me davam apoio e outros que resistiam por considerarem minha situação

um privilégio. O memorial que entreguei quando do ingresso também não era suficientemente claro. Ali eu sofri bastante.

*Espaço Pedagógico:* Como se deu o ingresso no Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* da UPF e os principais impactos que ele trouxe do ponto de vista do ensino, da pesquisa e orientação?

*Elli Benincá:* Quando ingressei no mestrado em educação, já trazia uma experiência de pesquisa através do projeto Formação de Professores e a Formação de Grupos de Estudo, vinculados à Faculdade de Educação, à Secretaria Municipal de Ensino e ao Itepa. O núcleo da minha pesquisa é práxis e senso comum. Essa é a ideia básica que perpassa todos os textos de uma forma ou de outra. A ideia da práxis e o senso comum permeiam a ideia de militância. O tema do doutorado é a questão do senso comum. O que faz uma síntese da relação entre senso comum e práxis é o capítulo “práxis e senso comum: relação teoria e militância nos movimentos sociais populares”.<sup>3</sup>

Em relação ao trabalho de orientação, é preciso compreender o seu lugar como parte de um processo de formação. A orientação no mestrado depende fundamentalmente do tema da pesquisa em desenvolvimento. Isso não significa que há uma pesquisa pronta, um objeto pronto. A importância do orientador é ajudar o pesquisador a descobrir o objeto de pesquisa. Este é o ponto-chave. Muitos alunos têm dificuldade de clarear o objeto de pesquisa. Sem uma pesquisa em andamento é difícil orientar no mestrado. Tendo uma pesquisa já em andamento pode-se fazer

confrontos, consegue-se perceber possibilidades e caminhos. Não tendo pesquisa com certa consolidação, fica difícil pensar em orientar no mestrado e doutorado. Por outro lado, sou de opinião de que não se pode limitar o tempo da pesquisa. Posso trabalhar dois ou três anos numa pesquisa e depois perceber que esse caminho não é o mais adequado e as conclusões não se sustentam. Tendo poucas horas de pesquisa não haverá, certamente, tempo para voltar para trás, rever os caminhos traçados, rediscutir possibilidades, conversar com colegas.

*Espaço Pedagógico:* Do seu ponto de vista, o que é mais relevante na formação de novos pesquisadores?

*Elli Benincá:* O que é preciso para ser pesquisador? Os pesquisadores que se voltam para as bibliotecas e esquecem-se do mundo, deixam de lado uma dimensão fundamental da pesquisa: o contexto. Sempre procurei dar atenção ao contexto. Se consigo ler o contexto político, religioso, econômico ou educacional, tenho condições de problematizar as questões emergentes. Depende do contexto e das questões que for pesquisar. Caso tenha uma preocupação com o fenômeno religioso, tenho que ser capaz de entender esse contexto. Tenho de ler esse contexto. Se me limitar à biblioteca, o que vou fazer é entrar em contato com a leitura que outros autores fizeram a partir de seus contextos. Essas leituras, os autores fizeram a partir deles e não do que eu preciso e quero pesquisar. Eles podem contribuir para eu entender melhor o meu contexto e as minhas questões de pesquisa, mas

é importante destacar que são contextos distintos.

*Espaço Pedagógico:* Qual é sua avaliação sobre a dicotomia que tem se estabelecido, principalmente nas últimas décadas, entre pesquisa e ensino?

*Elli Benincá:* Poderia resumir rapidamente que é impossível pensar o ensino, principalmente o de graduação, sem uma noção de pesquisa. O ensino é o trabalho do professor que produz conhecimento. Se não tenho como produzir conhecimento e nunca o produzi, como vou ajudar o aluno da graduação a construí-lo? Como é que o aluno vai compreender o processo de ensino-aprendizagem? Esse processo é exatamente a forma como construímos o conhecimento, ou seja, como o produzimos. Não se pode falar, na graduação, de uma pesquisa refinada, mas é fundamental uma iniciação à pesquisa, suas exigências, a construção do objeto a pesquisar e o método. São três pontos a serem observados no processo de pesquisa: o contexto, o método e o objeto. A pesquisa permite outros olhares na própria reprodução do conhecimento. O aluno precisa aprender a olhar o contexto, penetrar a realidade, construir saberes, mesmo que rudimentares. Ele precisa começar a fazer um processo que é seu, e que ninguém poderá fazê-lo por ele.

*Espaço Pedagógico:* É possível conciliar formação de pesquisadores com a redução do tempo de estudos?

*Elli Benincá:* Ao tratarmos de pós-graduação (mestrado e doutorado) que

requer pesquisa, não podemos delimitar um tempo específico. Delimitar significa sufocar a pesquisa ou negar sua dinâmica porque ela tem momentos que exigem muita persistência e paciência e outros que são mais breves. Os momentos de longa duração existem porque há pesquisas que exigem maturação e isso não é possível num curto espaço de tempo, ou mesmo porque os resultados são relativos e precisam ser revistos. A pesquisa precisa de um tempo longo. Não dá para medir o tempo em seis meses para concluir uma pesquisa.

*Espaço Pedagógico:* Uma das referências do seu trabalho é o grupo. Por que a insistência com o trabalho de grupos e que razões o justificam?

*Elli Benincá:* A prática educativa se rege por princípios político-filosóficos. Pode-se fazer uma educação para a passividade e a submissão, ou uma educação para a construção da cidadania. De conformidade com os princípios políticos, buscam-se as teorias pedagógicas e metodologias da educação adequadas. No primeiro caso, a educação para a passividade e submissão é do interesse de todos aqueles que não gostam de serem contestados no exercício do poder. Interessa, também, aos que se sentem socialmente seguros nas instituições sociais onde estão instituídos. A pedagogia requerida para atender a esses interesses é sempre informadora. A massa é informada sobre o que acontece e sobre os conhecimentos que deve adquirir para bem orientar-se socialmente. Como não participa das decisões políticas, pouco se responsabiliza.

A massa apenas sabe que quem sabe e decide são os outros, aqueles que informam e tomam decisões. A pedagogia, nesse caso, exerce seu papel de preparar executores e informadores, mas rejeita qualquer metodologia que proponha construir seres humanos livres, capazes de gerar um pensamento autônomo e construir-se cidadãos.

Como a história e as instituições são conduzidas por homens, a manifestação de uma pedagogia da educação massificada facilita aos ditadores e a manipulação das instituições políticas e sociais e a condução da história para seus interesses. Aparentemente podem até propor leis justas, mas são manipulados para legitimar as ações que produzem e concretizam tais interesses. A pedagogia geradora de passivismo é uma pedagogia geralmente geradora de consciências corruptas e corruptoras.

O segundo princípio, educação para a cidadania, requer uma pedagogia que ajuda e favorece o cidadão a se construir como sujeito, responsável pelas suas ações, capaz de compreender os processos sociais e políticos, criticá-los e reconstruí-los não segundo seus interesses, mas segundo as necessidades do ser humano.

A cidadania se constrói exercitando-se na autonomia, na tomada de decisões e na responsabilidade de responder pelas suas decisões. Nesse exercício, o ser humano se configura como um permanente educando. A autonomia não é um estado de vida. É uma conquista. A pedagogia da construção da cidadania requer uma ação de vigilância permanente sobre tudo o que acontece ao seu redor. Por isso, a formação de grupos de estudo possibili-

ta aos membros do grupo defender seus pontos de vista, fundamentarem teoricamente suas falas e ações, construir e se apossarem dos instrumentos que produzem a autonomia e a liberdade interior, como a fala, a elaboração de argumentos e a produção de textos. O confronto na interpretação dos textos obriga os membros do grupo a perceberem os seus limites e a dimensão da sua ignorância. O grupo de estudos é motivador para a pesquisa e investigação, provoca a disciplina e a organização intelectual.

Trata-se de uma pedagogia que requer muita paciência do educador. É preciso também que este acredite sempre no educando e nas suas possibilidades. O mais difícil, porém, é admitir a possibilidade do erro por parte de um membro do grupo.

A condução de um processo pedagógico numa instituição educacional torna-se viável na medida em que houver sujeitos capazes de pensar e conduzir as ações que costumam o processo. Os condutores não caem prontos. São construídos no método de trabalho democrático do exercício do poder. O método de trabalho de grupo adquirido no grupo de estudo é a melhor garantia para a continuidade de um processo pedagógico e para o exercício democrático do poder.

*Espaço Pedagógico:* É possível identificar um fio condutor em sua produção intelectual? De toda a sua produção intelectual o que mais gosta e o que considera mais relevante?

*Elli Benincá:* Do meu ponto de vista a produção intelectual trata da relação entre senso comum e a práxis. Esse é o ponto central de todo o processo da pesquisa. Começou com o texto sobre formação de professores na Universidade de Passo Fundo e com o grupo de pesquisa sobre religiosidade e cultura popular no Itepa. Essa pesquisa iniciou com a observação dos contextos onde era produzida e onde ocorria a religiosidade. Tratava-se da construção de um método para estudar a religiosidade. Mas como texto básico de iniciação destacaria aquele sobre a aula<sup>4</sup> não pelo que representa hoje, mas por aquilo que ele desencadeou. Esse é o foco de onde começou. A questão da práxis e do senso comum ganhou destaque, especialmente, no doutorado, embora as primeiras ideias sobre essas questões apareçam nesse texto sobre a aula.

*Espaço Pedagógico:* Do seu ponto de vista, quais são os problemas educacionais urgentes que deveriam ser tratados com mais rigor pela pesquisa e pela pós-graduação?

*Elli Benincá:* A pesquisa não tem um tema previamente definido, mas o que existe é o método e o contexto onde e como acontece a investigação. A pesquisa tem que haurir a sua força e a sua capacidade do contexto onde está inserido pesquisador. Caso contrário, o processo se esvazia.

## Notas

- <sup>2</sup> Trata-se da “Entrevista com Elli Benincá” publicada no livro organizado por MARCON, Telmo. *Educação e universidade, práxis e emancipação: uma homenagem a Elli Benincá*. Passo Fundo: Ediupf, 1998. p. 27-37.
- <sup>3</sup> Esse capítulo foi elaborado em parceria com Rodinei Balbinot e Telmo Marcon e publicado no livro organizado por FIOREZE, Cristina; MARCON, Telmo. *O popular e a educação: movimentos sociais, políticas públicas e desenvolvimento*. Ijuí: Edunijuí, 2009. p. 131-158.
- <sup>4</sup> Trata-se do texto BENINCÁ, Elli. *A prática pedagógica da sala de aula*. Passo Fundo: Editora UPF, 1982.